

Citação: Ferreira, Luís Gonçalves. «Conhecer a Loba». Em *VESTE: Vestir a corte: traje, género e identidade(s). Linhas com que coser*, 30 de Outubro de 2020. <https://vestenovafcsh.wixsite.com/website/linhas-com-que-coser>.

\*

### **Conhece a Loba?**

Veste talar larga, ampla, fechada e sem mangas, de uso exterior que pendia sobre os ombros até ao tornozelo e podia cingir-se na cinta. A loba podia ser aberta ou cerrada, conforme tivesse aberturas laterais (“maneiras”) na altura das ilhargas por onde se podiam descobrir os braços. No final da Idade Média e no decurso da primeira metade do século XVI, usava-se como peça de indumentária civil, associada a cerimónias públicas, honoríficas ou de luto. Por alterações decorrentes do processo de moda ao longo da Idade Moderna, evidenciou-se como traje do clero secular e dos estudantes portugueses. Diversas pragmáticas e constituições sinodais deste período limitavam o uso de vestes compridas a homens com determinadas profissões intelectuais de grande prestígio social, como padres, professores universitários e juizes desembargadores.

Luís Gonçalves Ferreira<sup>1</sup>

Veste talar larga, ampla, fechada e sem mangas, de uso exterior que pendia sobre os ombros até ao tornozelo e podia cingir-se na cinta. A loba podia ser aberta ou cerrada, conforme tivesse aberturas laterais (“maneiras”) na altura das ilhargas por onde se podiam descobrir os braços. Segundo Rafael Bluteau, esta peça terá tomado o seu nome “por comer muito pano”, isto é, por se despenderem grandes quantidades de tecido na sua confeção.

No final da Idade Média e no decurso da primeira metade do século XVI, os dois géneros usavam loba em indumentárias civis, associadas a cerimónias públicas, honoríficas ou de luto. A grande austeridade da sua estrutura e o uso predominante de determinadas cores parecem justificar estas funções. O talhe dos seus elementos estruturais era reduzido e a ausência de uma silhueta demarcada tornavam esta peça numa densa camada têxtil colocada sobre o corpo que diluía e obliterava as formas biológicas. Vestir cores escuras – preto, roxo ou cinzento – ilustrava, de acordo com a mentalidade

---

<sup>1</sup> Doutorando em História Moderna (Lab2PT/Universidade do Minho). Bolseiro de Doutoramento da Fundação para a Ciência e Tecnologia com o projeto “Pobres, doentes e esfarrapados? Indumentária de pobres no contexto assistencial urbano do Porto e Lisboa (séculos XVII e XVIII)” (ref. 2020.04746.BD).

dessa época, um sujeito etéreo, elevado espiritualmente e despreocupado com o material. O sistema simbólico vigente privilegiava cores densas e luminosas em detrimento das pigmentações naturais das fibras (os pardos). A obtenção de tecidos tingidos com aquelas características fazia-se através de processos dispendiosos e complexos, que exigiam corantes e mordentes de estimado valor monetário. A loba adaptava-se à proclamação pública de um estatuto político, económico e moral elevado, não só pelas grandes quantidades de pano empregues na sua confeção, mas também pela utilização de têxteis que, desde a seleção e preparação da fibra à tecelagem e acabamentos, adquiriam feição sumptuária.

Por alterações decorrentes do processo de moda, a loba evoluiu para uma peça exclusivamente masculina. Evidenciou-se como um traje amplamente usado pelo clero secular e pelos estudantes portugueses. As diversas pragmáticas dos séculos XVII e XVIII acentuaram o dimorfismo sexual da indumentária situando o uso de vestes talares como privilégio concedido a certos homens com determinado estatuto socioprofissional. A loba e outras vestes compridas podiam ser envergadas no exercício de determinadas profissões masculinas de grande prestígio intelectual, como professores universitários, juízes desembargadores e padres.

A associação entre o exercício de funções racionais/intelectuais e o uso de cores escuras, em marcha desde, pelo menos, o final da Idade Média, foi institucionalizada em diversos normativos civis e eclesiásticos do período moderno, nomeadamente regulamentos internos de estabelecimentos de ensino, leis sumptuárias e constituições sinodais. A fixação normativa destes signos permitiu a construção de uma virilidade alternativa. À soberba, vaidade e luxúria profanas, os clérigos deveriam opor um corpo digno, limpo e civilizado guiado pelas virtudes da temperança, castidade e da humildade. A masculinidade celibatária era mais racional do que física e a virilidade leiga assentava na imagética das virtudes nobres e cavaleiras. A indumentária profana demarcava claramente as características sexuais binárias e encontrava-se aberta à moda.

O poder e a dignidade proclamados nas vestes escuras e compridas pretendiam exortar o poder sacramental e ritual dos sacerdotes, fortalecido após o Concílio de Trento (1545 a 1563), o seu prestígio intelectual, pelo domínio da palavra escrita e falada, e a evidência da atitude paternalista quanto à moralidade dos leigos, evidenciando uma aparência ideal do corpo segundo ditames morais. Esta performance exercia-se dentro e fora das portas da igreja. Na segunda metade do século XVIII, era considerado indecoroso quando os clérigos seculares circulavam nas ruas das cidades com as suas roupas

interiores (calções, véstia e casaca) à vista ou com as roupetas desabotoadas. Nesse contexto, a loba dignificava a aparência do clérigo, transformava o seu corpo num suporte da cabeça, considerada a parte fundamental mais nobre do ser humano, e obliterava os elementos do baixo corpo, tidos como inúteis e fortemente associados ao pecado, à luxúria e à expressão da sexualidade.

Apesar de ter mantido constante nas suas formas, a loba evoluiu no uso e passou a ser, ao longo da Idade Moderna, um traje masculino. Neste sentido, deixou de ser um recurso da moda e tornou-se um símbolo de poder de determinados grupos sociais e profissionais, cuja autoridade se afirmava através da proclamação de valores tradicionais com referências semióticas do passado.

### **Imagens:**



Fonte: João do Cró (?), Representação das armas do marquês de Brandemburgo (pormenor), no *Livro do Armeiro-Mor*, 1509, f.º 34.º ©Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa.  
<https://www.wikiwand.com/pt/Livro do Armeiro-Mor>



Fonte: Autor desconhecido (escola flamenga), *A adoração dos magos* (pormenor), c. 1475-1499. ©National Gallery of Art, Washington. [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:The\\_Adoration\\_of\\_the\\_Magi](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:The_Adoration_of_the_Magi)



Pedro Berruguete, *Auto-de-fé presidido por São Domingos de Guzmán* (pormenor), 1493-1499. ©Museu do Prado, Madrid. [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Pedro\\_Berruguete\\_Saint\\_Dominic\\_Presiding\\_over\\_an\\_Auto-da-fe\\_1495.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Pedro_Berruguete_Saint_Dominic_Presiding_over_an_Auto-da-fe_1495.jpg)



Antonio Verico, *Clérigo português em vestes não pontificais* (pormenor), 1823-1835. Digital Collections, n.º b17122707. ©New York Public Library, Nova Iorque <https://digitalcollections.nypl.org/items/510d47e0-fda2-a3d9-e040-e00a18064a99>

### **Bibliografia:**

- Baldini, Massimo. *A invenção da moda: as teorias, os estilistas, a história*. Lisboa: Edições 70, 2015.
- Bernis Madrazo, Carmen. *Indumentaria española em tiempos de Carlos V*. Madrid: Instituto Diego Velázquez del CSIC, 1962.
- Bluteau, Rafael. *Vocabulario portuguez e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasilico, comico, critico, chimico, dogmatico, dialectico, dendrologico, ecclesiastico, etymologico, economico, florifero, forense, fructifero... autorizado com exemplos dos melhores escritores portugueses, e latinos*. 8 vols. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728.
- Cabanas, Maria Isabel Morán. *Traje, gentileza e poesia: moda e vestimenta no Cancioneiro Geral de Garcia Resende*. Lisboa: Editorial Estampa, 2001.
- Crespo, Hugo Miguel. «Trajar as Aparências, Vestir para Ser: o Testemunho da Pragmática de 1609». Em *O Luxo na Região do Porto ao Tempo de Filipe II de Portugal (1610)*, coordenado por Gonçalo Vasconcelos e Sousa, 93–148. Porto: Universidade Católica Editora, 2012.
- Ferreira, Luís Gonçalves. «Pobres vestidos de preto: assistência, indumentária e esmola a padres em Braga (sécs. XVII e XVIII)». Em *Homens, Instituições e Políticas (séculos XVI-XX)*, coordenado por Alexandra Esteves, 12–31. Braga e Guimarães: Lab2PT Coleção Paisagens, Património & Território / Investigação, 2019.
- Marques, A. H. Oliveira. *A sociedade medieval portuguesa*. 4.ª ed. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1981.
- Marques, Maria Alegria. «Clérigos medievais: aspetos do quotidiano». *Revista Portuguesa de História* 47 (2016): 13–34. doi:[10.14195/0870-4147\\_47\\_1](https://doi.org/10.14195/0870-4147_47_1).

- Lipovetsky, Gilles. *Império do Efêmero: a moda e o seu destino nas sociedades modernas*. Traduzido por Regina Louro. 2.<sup>a</sup> edição. Lisboa: Publicações D. Quixote, 2010.
- Palla, Maria José. *Do essencial e do supérfluo: estudo lexical do traje e dos adornos em Gil Vicente*. Lisboa: Editorial Estampa, 1992.
- Pastoureau, Michel. *Preto: história de uma cor*. Lisboa: Orfeu Negro, 2014.
- Pellegrin, Nicole. «Corpo do homem comum, utilizações comuns do corpo». Em *História do Corpo: Do Renascimento ao Iluminismo*, editado por Georges Vigarello, traduzido por Maria da Graça Pinhão, 1:191–313. História do Corpo. Lisboa: Círculo de Leitores, 2013.
- Porter, Roy, e Georges Vigarello. «Corpo, saúde e doenças». Em *História do Corpo: Do Renascimento ao Iluminismo*, editado por Georges Vigarello, traduzido por Maria da Graça Pinhão, 2:209–79. História do Corpo. Lisboa: Círculo de Leitores, 2013.
- Riello, Giorgio. *História da Moda: da Idade Média aos nossos dias*. Traduzido por Carlos Aboim de Brito. Lisboa: Texto e Grafia, 2013.
- Vigarello, Georges. *História da Beleza: O corpo e a arte de embelezar da Renascença até aos nossos dias*. Traduzido por Paula Reis. Lisboa: Editorial Teorema, 2005.